



**"Causos" espíritas
do
Dr. Nubor Facure**

NUBOR ORLANDO
FACURE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

“Causos” espíritas do Dr. Nubor Facure

Nubor Orlando Facure

2015

“Causos” espíritas do Dr. Nubor Facure

Nubor Orlando Facure

Data da publicação: 30/4/2015

CAPA: Cláudia Rezende Barbeiro
REVISÃO: Astolfo Olegário de Oliveira Filho
PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador
Rua Senador Souza Naves, 2245
CEP 86015-430
Fone: (43) 3343-2000
www.oconsolador.com
Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

F129c

Facure, Nubor Orlando
“Causos” espíritas do Dr. Nubor Facure / Nubor Orlando Facure; revisão de Astolfo O. de Oliveira Filho; capa de Cláudia Rezende Barbeiro.
Londrina, PR - EVOC, 2015.
102 p.

1. Literatura espírita - relatos. 2. Espiritismo.
I. Oliveira Filho, Astolfo O. de II. Barbeiro, Cláudia Rezende III. Título.

CDD 133.93
19.ed.

Sumário

- Apresentação, 5
- 1 - Mas, pedir o quê?, 7
- 2 - Reconstituo o passado, 9
- 3 - A colheita é obrigatória; isso é da Lei, 13
- 4 - A força do passado, 15
- 5 - A obsessão e suas máscaras, 18
- 6 - A Sandrinha do Cais, 20
- 7 - As voltas da vida, 22
- 8 - Coma prolongado, 24
- 9 - Compromissos em família, 27
- 10 - Construindo um destino, 29
- 11 - Desencontro em Santo Anastácio, 33
- 12 - Desencontros na França, 36
- 13 - Desencontros do destino, 38
- 14 - Emoção a toda prova, 41
- 15 - Entre a fazenda e o hospital, 43
- 16 - Exame de consciência, 45
- 17 - Fragilizando a garantia e atraindo a cobrança, 47
- 18 - Fragmentos com Chico Xavier, 49
- 19 - Hospital São Vicente – primeira entrevista, 51
- 20 - Hospital São Vicente – segunda entrevista, 53
- 21 - Hospital São Vicente – terceira entrevista, 55
- 22 - Hospital São Vicente – quarta entrevista, 57
- 23 - Hospital São Vicente – quinta entrevista, 59
- 24 - O Dimas na fila do Chico Xavier, 61
- 25 - Os caminhos da roça, 63

- 26 - Para quem gosta de histórias da medicina e histórias da vida, 66
- 27 - Passaporte para renascer, 69
- 28 - Prisioneiros, 73
- 29 - Professor Sanvito, 76
- 30 - Profissões e resgate, 78
- 31 - Resgate e salvação, 82
- 32 - Um chefe rigorosíssimo, 85
- 33 - Um estouro na estrada, 87
- 34 - Vovó Januária, 90
- 35 - Ansiedade, 92
- 36 - Episódios de comunicação do pensamento - Dona Lídia, 94
- 37 - Escrita automática, 95
- 38 - Magnetismo animal, 97
- 39 - O Espírito que lia livros, 99
- 40 - Provas de sobrevivência, 101

Apresentação

Dr. Nubor Orlando Facure completou recentemente 50 anos de trabalho médico na área de Neurologia e Neurocirurgia.

Natural de Uberaba, iniciou-se como espírita junto com sua família a partir de 7 anos de idade, tendo convivido com vultos ilustres que praticavam a Doutrina Espírita naquela época, antes da chegada de Chico Xavier à cidade de Uberaba.

As reuniões lítero-musicais e o Círculo de Estudos no Centro Espírita Uberabense serviram de cadinho para moldar seus conhecimentos dentro das instruções de Allan Kardec. Posteriormente, a convivência próxima com o trabalho do médium Chico Xavier complementou sua formação espírita.

A entrada na Faculdade de Medicina e sua especialização em Neurologia permitiram-lhe o encontro com milhares de seres humanos comprometidos com o sofrimento que as doenças neurológicas quase sempre provocam.

Foi a conjunção desses privilégios – mineiro de Uberaba e médico espírita – que concedeu ao Dr. Nubor essa facilidade em contar “causos”.

Neste livro estão relatados episódios fictícios, mas em todos eles se encontram cenas de pura realidade que podemos deparar nesse ou naquele Espírito que caminha pelos episódios da vida, que tanto quanto nós são forçados a testemunhar ou experimentar na própria pele.

Os “causos” permitem-nos apontar os efeitos inexoráveis da Justiça Divina da qual ninguém poderá escapar.

A propósito deles, diz Nubor Facure: “Nas entrelinhas desses episódios há mil e uma oportunidades de inserirmos conceitos espíritas, para não deixarmos de aproveitar as lições que a vida dá a todos”.

“Interessante notar – acrescenta ele – quanto nossas vidas permanecem entrelaçadas atendendo às nossas necessidades de redimir nossas faltas e progredimos em direção a Vida Maior.”

Abril de 2015

O Editor

Mas, pedir o quê?

Isabela me consulta desde que nasceu. Há 9 anos vem me ver no colo da mãe. É uma menina que tem 6 a 7 convulsões por dia; às vezes, tem só uma piscada ou torce a cabecinha, outras vezes apenas fica pálida ou mole como uma boneca de pano. Quando chega, eu falo alto seu nome para ela me reconhecer; seu corpinho imediatamente estremece e ela solta uns grunhidos abrindo um bocão enorme com a língua saindo e entrando, mostrando os dentes perfeitos. A mãe diz que ela está rindo para mim, e eu aqui por dentro me esforçando para não chorar...

Mariana foi adotada quando nasceu. A mãe biológica usuária de drogas era aidética. Vejo mensalmente essa menina de 13 anos, estirada na cadeira de rodas que se espicha como um berço. Seu fígado está em frangalhos devido às altas doses do coquetel. Todo mês, temos que rever seus exames, devido a mais uma febre que se repete insistentemente. Estou medicando para controlar suas convulsões há mais de 4 anos e nunca tivemos como controlá-las completamente. Mariana não fala. Nem precisa. A gente nota nos seus trejeitos, no seu sorriso torto, nos seus gritos agitados quando ela está feliz.

Não peço para as duas nem saúde nem sabedoria.
Elas são felizes a seu modo e desse jeito mesmo foram
capazes de nos escravizar ao seu amor inocente.

Recompondo o passado

Ano de 1375

Numa antiga aldeia portuguesa entre Coimbra e Lisboa, Eulália estava prometida em casamento para Diogo Silva, proprietário de uma rica gleba de plantação de oliveiras. Silva era 20 anos mais velho que Eulália, moça jovial, festeira, cujo coração havia se enamorado anteriormente por José Antônio das Rosas, auxiliar de serviços gerais na marcenaria do pai.

Não aceitando o destino que a família traçou à sua revelia, Eulália e José Antônio arquitetam um plano de fuga. Era possível, naquele tempo, fugir para a Espanha e levar uma nova vida sem serem incomodados – bastaria um pequeno descuido dos pais e Eulália poderia pôr seu plano de fuga em prática. Entretanto, temerosa de alguma vingança por parte de Diogo Silva, ela consegue, com a ajuda de pessoas inescrupulosas, derramar poderoso veneno numa taça de vinho de Diogo. Diogo tem suas vísceras corroídas com grande sofrimento e sofre morte imediata.

Ano de 1806

Cidadezinha no interior da França, onde a Misericór-

dia Divina favorece uma oportunidade de recomposição do passado.

Família abastada tem rica plantação de uva, onde trabalham juntos os 3 filhos. Estão reunidos, nessa nova roupagem, 3 irmãos que são nossos personagens do passado: Eulália, José Antônio e Diogo Silva.

A infância e a juventude transcorreram rápidas, afetadas apenas por atritos de ciúmes entre Eulália e Diogo.

Por interesses comerciais José Antônio viaja para a América a negócios e dois anos se passam sem que ele dê qualquer notícia.

Noite chuvosa, os pais de Eulália e Diogo sofrem acidente fatal numa estrada traiçoeira que escondia buracos na pista.

A maquinação do passado distante ainda permanece impressa nas memórias de Eulália. Esse Espírito ainda não se libertara de tendências perturbadoras que marcam sua história de vida na encarnação anterior, confirmando que, mesmo que a consciência não se dê conta disso, nós somos sempre herdeiros de nossas boas e más tendências.

A índole criminoso de Eulália se manifesta outra vez e, de novo, ela elimina Diogo Silva para ficar com toda a fortuna da herança paterna.

Ano de 1948

Bairro pobre do Rio de Janeiro. Pai e filha estão atentos à leitura do Evangelho em humilde centro

espírita. Ali estão José Antônio e Eulália. A mocinha, com 19 anos, é órfã de mãe, que faleceu num parto traumatizante.

Eulália sofre de um retardo que exige constantes consultas em clínicas especializadas. Está sendo reeducada devido a uma paralisia cerebral, com um transtorno psíquico grave. Faz uso de medicação para ajuste de um comportamento impulsivo, com períodos de extrema agitação. Sofre de convulsões que os remédios em doses sonolentas ainda não conseguiram controlar.

No centro espírita que frequentam, uma manifestação mediúnica inesperada faz uma revelação surpreendente.

É Diogo Silva, exigindo a vida de Eulália. Está ciente da autoria dos dois crimes que ela arquitetou, descreve o que ela fez para matá-lo duas vezes e o período de perseguição que por séculos vem conduzindo contra Eulália.

Ano de 2005

Em um Hospital Universitário no interior do Brasil a equipe cirúrgica, reunindo mais de uma dezena de médicos, está terminando um procedimento complexo e arriscado.

Está separando duas crianças que nasceram unidas pelo tórax. São Eulália e Diogo em mais um dos seus encontros, dessa vez unidos compulsoriamente pela Justiça Divina.

Lição de casa

Quatro encarnações traumáticas agravando compromissos, acumulando débitos com a Justiça Divina.

Por mais chocante que possam parecer, esses relatos aqui registrados são histórias compartilhadas em vidas pregressas de todos nós.

Apesar do tamanho do dissabor, redobremos nossa disposição de atendermos à palavra de Cristo: "Reconcilia-te primeiro com o teu adversário".

A colheita é obrigatória; isso é da Lei

Século passado no interior de Goiás, a população está empobrecida e com falta crônica de alimentos. Mané Jacinto ali vive sozinho no Sítio Roseiral, morando num casebre retirado uma légua da sede da fazenda.

Ele e alguns peões conversam secretamente à tardinha planejando assaltar os viajantes que transitam, meio que raramente, pelo estradão que leva até Anápolis. Na primeira tentativa deu tudo certo. Valores, utensílios e comida foram surrupiados dos incautos viajantes. O bando acaba se acostumando com os roubos que são cada vez mais rendosos. A perversidade não tarda a fazer parte dos assaltos. As vítimas, agora, passam por constrangimentos, são assustadas com ameaças de morte, às vezes têm as pernas amarradas e o grupo de marginais debocha, rindo das inocentes vítimas.

No início deste século em uma Santa Casa, ainda no Estado de Goiás, uma família está sendo atendida. O pai é aquele mesmo Jacinto assaltante do sítio do interior de Goiás, noutra corpo. Ele foi internado, fez uma cirurgia de coluna na qual ocorreram complicações. Ele agora não consegue mais andar, está preso à cama.

O Jacinto de hoje acolhe 4 filhos. São os mesmos peões que ele incentivava a assaltar no passado e seu

compromisso, agora, foi recuperá-los para uma vida digna.

Nezinho, um dos filhos, fora assaltado na volta do serviço e, atingido na cabeça, está em coma vegetativo, imóvel na cama faz dois anos.

O Júnior, o filho mais velho, sofre de convulsões que o jogam ao chão pelo menos uma vez por semana. Os dois mais novos estão seriamente comprometidos com o alcoolismo.

A Misericórdia Divina permitiu que Laurinha de Jesus nascesse nesse lar tremendamente comprometido com o passado criminoso. Ela é incansável na administração de remédios, marcação das consultas. Liga para a Prefeitura a fim de conseguir a perua da fisioterapia, leva a urina e o sangue quando os exames são exigidos.

Laurinha é a prova de que Espíritos que estão à nossa frente podem, por escolha pessoal, voltar até nós, estendendo a mão em socorro de Almas que lhes são caras.

Lição de casa

A cada um segundo as suas obras.

A força do passado

Faustina organizava as festas no casarão colonial escolhendo a dedo os convidados. Além da conversa familiar e da música que uma das filhas tocava ao piano, havia declamação de poemas e pratos apetitosos que eram passados um a um. Prevalencia no ar a postura esnobe, arrogante e prepotente que todos identificavam no comportamento e nas feições de Faustina. A anfitriã vaidosa fazia questão absoluta que todos reverenciassem sua origem nobre.

No século seguinte a mesma Faustina está numa cadeira de rodas esmolando nas ruas do Rio de Janeiro, que ela tanto conhecia.

Quem a vê hoje percebe os antigos sinais de "nobreza" do passado. Continua dando ordens, não se dirige a qualquer um e, querendo proteger seu corpo do olhar dos outros, esconde-se em trapos de roupas rasgadas. Exaspera-se a cada solavanco da cadeira nos buracos da calçada, ainda desfia o xingatório e destrata a todos.

É a mesma Faustina do casarão colonial carioca.

Fabriciano foi dono de fazenda em Barra do Carmo, interior de Minas Gerais. Os escravos já vinham de herança do pai, rico proprietário de terras na região. Enquanto o genitor era amável, Fabriciano sempre aos gritos impunha suas vontades com violência.

Caminhava com uma vara de pau, arrancada de uma goiabeira que tinha prazer em sentar no lombo dos crioulos quando demoravam em lhe cumprir as ordens.

Hoje Fabriciano está de volta na mesma Minas Gerais, na região do Triângulo. Os pais de agora são empregados da fazenda Buriti Alegre. Ele e mais 9 irmãos participam da lida exaustiva cuidando do gado.

Mas, de novo, a velha índole violenta do Fabriciano se manifesta. As ordens que dá agora são para os pobres dos irmãos. Uma tarde ele sofre uma queda do cavalo, a perna mal engessada ficou mais curta e ele passou a se apoiar num pedaço da goiabeira que cortou com o facão. E lasca de novo as lambadas nas costas dos irmãos, exigindo pressa e obediência.

Frei Angelli, de anjo mesmo, nunca teve nada. Século XIV, as trevas da ignorância predominam no interior da Europa e nosso Frei participa da aplicação de penas determinadas nos tribunais religiosos da época. Rigoroso, detalhista, conhece com profundidade todos os quesitos de condenação. Aflições, denúncias, traições e relatórios são conseguidos por confissões forçadas na presença de Frei Angelli.

Quinhentos anos depois, já no final do século XX, uma casa de estudos espíritas é dirigida pelo antigo Frei. Diretoria rigorosa, seu presidente tem pulso de ferro, não são permitidas falhas, as comunicações mediúnicas têm de ser autorizadas, livros são censurados, frequentadores de pouca cultura são afastados, os temas das palestras quase sempre ignoram Jesus. Há muito

mais medo que amor nessa casa e todos atribuem os desmandos à perturbação das trevas.

Lição de casa

Ainda permanecem em nós os mesmos defeitos de outras vidas que teimamos em possuir. Quanto mais cedo nos livrarmos desse “homem velho”, melhor.

A obsessão e suas máscaras

Erotides chega à psiquiatria tomada de intensa catatonia. Além daquela rigidez típica, ela está desalinhada da cabeça aos pés e as roupas sujas parecem rotas em alguns pedaços. O diagnóstico de esquizofrenia fora sugerido havia 6 meses – ela falava com os vultos que lhe apareciam; gritava, teimava, atirava objetos; várias vezes fora contida à força. De repente fica quieta, se isola, chora aos soluços – tem-se a impressão que seus gritos de dor se referem a alguém que está lhe estapeando.

A mãe conta que ela levou a filha a um centro espírita. O facultativo, meio ríspido, recusa ouvir – disse que essa coisa de demônio é crendice.

A medicação traz grande melhora resgatando em Erotides o equilíbrio perdido.

Eu, porém, quis ouvir o que foi falado no Centro – é uma postura que há anos venho propondo aos que trabalham comigo – vamos dar toda a atenção ao paciente; ele está em primeiro lugar, não as minhas vaidades acadêmicas. Crendice mesmo, a Ciência médica também tem, e muitas demoram a serem desmistificadas – basta ver os remédios e as cirurgias para emagrecer, sem esquecer a lobotomia frontal de tenebroso passado.

Erotides em um passado recente induziu sua irmã mais velha a se livrar do marido, rico fazendeiro em

Pernambuco. O crime foi mal executado e ambos – a irmã e o cunhado – falecem em acidente de carro.

Hoje a obsessão está francamente instalada. As autoridades não caracterizaram o crime, o psiquiatra não acolheu a justificativa maior para o transtorno. Que pena! As noções de doenças espirituais que hoje as Faculdades de Medicina estão estudando não têm nada a ver com a ingerência do demônio medieval. Essa confusão já ficou para trás – hoje os tratados médicos já incluem a obsessão e a possessão dentro de sua classificação nosológica. É melhor estudar agora, porque, mais cedo ou mais tarde, o futuro nos trará as luzes necessárias.

A Sandrinha do Cais

Um casal de São Paulo esperara em vão por um filho que lhes preenchesse o lar e herdasse sua pequena fortuna. Depois de 12 anos de espera adotaram Sandrinha, encontrada em um educandário do interior, contando 4 meses de idade, permitindo que a mãe adotiva, Doralice, vivenciasse todas as delícias e dificuldades de criar um bebezinho – escolas, brincadeiras, jogos com as amigas e as festinhas de aniversários. Tudo transcorreu dentro do esperado para essa família de classe média da capital paulista.

Dois séculos antes essa mesma Sandrinha frequentava os cais do Mediterrâneo, trocando de porto para fugir da repressão, mas sempre à procura de aventuras amorosas que lhe permitissem prazer e dinheiro. Fora vítima de assaltos, abusos e agressões de toda ordem. Com o dinheiro arrecadado na prostituição pagava a pousada para morar decentemente, comprava roupas e joias sem nunca pensar em poupar qualquer recurso. Nessa vida mundana e perigosa acaba se envolvendo com Jonatas que a explora e a faz cúmplice de um crime brutal, quando assassinam o pároco de uma igreja em que Jonatas entrou para roubar.

Não demorou para a Polícia francesa os encontrar. Ao sair da prisão ela está frágil e doente, sendo recolhida num hospital de caridade. Aí é acolhida amorosamente

por Irmã Domitila, construindo uma afeição que durou vários anos, porque a generosa Irmã de caridade conseguiu adaptá-la ao serviço de limpeza do hospital.

Agora, em São Paulo, a Irmã Domitila é Doralice, a mãe adotiva de hoje, que recolheu Sandrinha de um Educandário. A Misericórdia Divina permitiu uma nova oportunidade de progresso para esse Espírito feminino que se envenenou nos prazeres mundanos da Europa. Entretanto, é forte a pressão do passado em que acumulamos débitos que exigem resgate.

Jonatas, também, é Espírito ligado a esse grupo e precisa ser recuperado. Hoje ele estuda na mesma Faculdade que Sandrinha; faz jornalismo enquanto ela estuda enfermagem, lembrando a passagem que teve pelo hospital na França com a irmã Domitila.

A juventude de hoje tem, porém, liberdade sem compromisso e se permite aventurar por caminhos sem volta. E Jonatas seduz Sandrinha a usar drogas. Dez anos depois Sandrinha fugiu de casa, envolveu-se em pequenos roubos e, por várias vezes, foi detida para averiguações, enquanto Jonatas foi assassinado por traficantes. A vida não programa final feliz se nós mesmos não construirmos os caminhos rumo à felicidade.

Sandrinha votou ao cais – agora conhece Santos, Vitória e Manaus. A irmã Domitila já no Plano espiritual pediu permissão para nascer filha de Sandrinha, mesmo que numa gravidez não programada e aguarda permissão da Espiritualidade para mais esse esforço da caridade materna.

As voltas da vida

O assaltante

Jovem brasileiro é preso na Europa confundido como assaltante – passará alguns anos na cadeia.

No início de 1745 um jovem e violento malfeitor assalta e maltrata suas vítimas em cidades europeias. Procurado pela polícia, ele consegue se refugiar num navio que o traz para o Brasil.

Passam-se as gerações, uma encarnação atrás da outra até que nosso jovem renasce filho de mãe solteira em subúrbios do Rio de Janeiro. A miséria da mãe não permite que ela crie a criança e, sabendo que um casal de estrangeiros está em busca de um filho para criar, ela os procura para concretizar a doação. É por isso que nosso jovem – antigo assaltante e malfeitor nas terras da Europa – está de volta para ajustar os débitos com a justiça. Seus crimes de outrora estão sendo punidos 3 séculos depois.

As abelhas

Madame Fanny não abdicava do direito de herança sobre o palacete francês que o pai deixaria. Ela e o irmão caçula tinham direitos legais sobre a propriedade, entretanto sua cobiça a leva a perpetrar odioso crime.

Com gotinha de um veneno poderoso ela elimina o irmão sem deixar suspeitas.

As voltas da vida levam os dois a nascerem juntos de novo como irmãos. Dessa vez no interior de Minas Gerais, onde Fanny luta com o esposo trabalhando arduamente na formação de rica fazenda de gado. Uma vida árdua, sem descanso, lidando com a dureza da terra e as dificuldades em disciplinar peões rudes. O tempo passa e ela, casada há 9 anos, ainda não tem filhos. Convive com ela na fazenda o mesmo irmão caçula da antiga França.

Inesperadamente Fanny fica viúva e a fazenda passa por inteiro para suas mãos. Contudo, os débitos com a Justiça Divina não podem mais ser adiados. Um bezerro foge do pasto e com a ajuda dos peões a própria Fanny quis participar da busca. No meio do mato ela derruba, sem perceber, uma colmeia de abelhas e, incontinenti, é picada – um ferrão mortal lhe atinge o pescoço inoculando veneno e daí a minutos uma reação alérgica brutal mata Fanny ainda no solo quente da mata.

A fazenda Santo Antônio nas vizinhanças de Frutal passa para as mãos do único irmão de Fanny, que assume assim a herança que perdera na Europa.

Coma prolongado

Um acidente, São Paulo - 2003

José Francisco passeia de bicicleta com as filhas e não percebe que a avenida está ficando cada vez mais cheia de carros. Tentando alertar suas meninas, acaba se descuidando e é atingido em cheio por um caminhão. Foi rapidamente internado, sofreu um trauma de crânio e está em coma grave na UTI de um hospital público.

Passam-se 15 dias sem que haja melhora alguma. A família o visita nos horários liberados pelo hospital e deixa extravasar a tristeza de verem um parente querido nessa situação.

O outro lado

Com o acidente José Francisco perde totalmente a consciência por 8 dias. Para os médicos ele aparenta ainda estar em coma, quando na verdade já consegue perceber ruídos e imagens em volta de si. Tudo é muito estranho. Percebe aos poucos que está acamado e sob cuidados constantes de quem está ali cuidando do seu corpo. Ele descobre que na verdade vive duas situações: ora confuso e sonolento dentro do corpo e ora, fora dele, vê outra realidade.

Quando os parentes se aproximam, sente toda a emoção que eles expressam sem palavras. Sente necessidade de chorar junto e faz de tudo para que eles saibam que está vivo. Percebe lhe escorrer as lágrimas e a respiração se tornar ofegante.

Diamantina, Minas Gerais - 1890

Dois aventureiros seguem por uma trilha acompanhados por animais de carga. Transportam duas sacolas com esmeraldas que escavaram nas frestas de uma pedreira. No cair da noite, José Francisco, que está ali de vigia, arquiteteta o crime e põe fim à vida do companheiro Tônico Rosa. Vai desfrutar pelo resto da vida a fortuna que as pedras vão render na cidade.

A vingança

Fora do corpo Tônico nunca mais deu folga a José Francisco. Mais de um século depois é ele quem está ali na hora do acidente com a bicicleta. E é esse o tormento que José Francisco passa a refletir na internação da UTI.

Sem que os médicos encontrem qualquer explicação, José Francisco passa a apresentar seguidas convulsões que agravam cada vez mais o seu estado de coma.

Finalmente a justiça

Nosso Tônico Rosa era natural de Cruzeiro do Sul e estava em Diamantina em busca de riqueza quando sua

vida foi interrompida pela ambição de José Francisco. Nessa ocasião Tónico deixou desamparadas a viúva e a filha recém-nascida – Valéria e Vitória.

Voltando ao Hospital

Tónico continua agredindo o cérebro de José Francisco, que persiste convulsionando. Chega a hora de visitas e adentram o salão as duas filhinhas de José Francisco. São Valéria e Vitória, que a Justiça Divina instalou no seu lar para receberem de volta a herança a que têm direito.

Resgatando o equilíbrio

Assim que foram reconhecidas como suas filhas de Diamantina, Tónico Rosa não contém o pranto convulsivo. Vai aos poucos cedendo aos apelos de nobre entidade espiritual ali presente que o recolhe para uma instituição educacional na espiritualidade.

Compromissos em família

O velho Antenor, aos 80 anos, já não anda mais. Obrigado a ficar na cama, a família tem de se revezar no seu atendimento dia e noite. Trocas de fraldas repetidas vezes, o banho desacomodado, sonda de alimentação que é preciso manter sempre limpa e desobstruída, não descuidar nunca dos horários da medicação e, diariamente, abastecer a dispensa dos suplementos alimentares.

Fatos novos todos os dias: vômitos, grumos na urina, tosse a madrugada toda, febre repentina, tremores e noite inteira sem dormir – parece haver sangue nas fraldas. Justamente agora a plantonista da noite avisa que não vem, o médico só passará na próxima semana e, amanhã, é dia de coleta de sangue para exames.

Depois de dois ou três meses a família ainda mantinha esperanças de melhora, mas, hoje, já são completados três anos de luta nessa rotina de imprevistos – os mesmos sobressaltos que não deixam ninguém dormir ou descansar, nem se conformar com as constantes surpresas pelas quais ninguém jamais sonhou que iria passar.

Uma nomenclatura nova e difícil foi aprendida às pressas, no atacado – um dicionário médico nomeando cada detalhe foi aprendido em casa: bradicardia, rolha

de catarro, venóclise, intracate, alimentação parenteral, drenagem vesical, leucopenia, febre central, apneia, estertores pulmonares, tromboflebite e midríase.

Na família do seu Antenor todos são, de uma forma ou de outra, prisioneiros dos acontecimentos e das necessidades. Transparecem, aos poucos, nos familiares mais íntimos, os traços da personalidade de cada um – que se manifestam em comportamentos conhecidos – tolerância, rispidez, insegurança, ciúme, desprezo, motivação, indiferença.

Compromissos religiosos e conceitos filosóficos são reavivados – “é preciso manter a fé”; “vamos perseverar”; “deixemos nas mãos de Deus”; “faço o que posso”; “nunca deixei de orar”; “não atrapalhar já é ajudar”; “deixemos por conta da natureza”.

A família de Antenor vive nesses três anos uma experiência coletiva. Resgatam-se valores morais; superam-se diferenças mesquinhas; reforçam-se os vínculos afetivos; confirmam-se o desprendimento e a doação do sacrifício pessoal.

Enquanto muitos se esforçam para viver cada vez melhor, eles aprenderam a se preparar para morrer mais bem preparados espiritualmente.

Construindo um destino

Família Gerb

Descendente de alemães e agricultor no Paraná, o Sr. Leopoldo Gerb tem um sonho. Espera que um dos seus filhos consiga superar essa vida dura do campo e “se formar para médico”. A plantação, o gado de leite e a criação de porcos obrigam – a ele, esposa e 4 filhos – levantarem-se de manhazinha, correr com a lida o dia inteiro, só tendo algum alívio no descanso da noite ou nas manhã de domingo, quando todos vão à igreja.

O velho Sr. Kupp, pai de Leopoldo, quase não sai mais da cama. A gota lhe inchou os calcanhares e o cotovelo; o diabetes está difícil de controlar e a pressão não baixa. Desde que veio da Alemanha sofre um problema crônico de coluna.

Na Faculdade

Ralph, o caçula dos Gerbs, concretiza o sonho da família conseguindo o diploma de médico em uma faculdade de Curitiba.

Logo em seguida se associa a um grupo de colegas e montam sofisticada clínica para todo tipo de cirurgia.

A partir daí a personalidade de Ralph tem campo para se revelar. Ele agora é autoritário, exige disciplina

rigorosa dos funcionários, cobra impiedosamente os clientes, exigindo preços altos nos menores procedimentos. Acumula dinheiro cada vez mais. Está sempre em viagens para congressos médicos e alega falta de tempo quando alguém lhe sugere ir visitar o velho avô e os pais na antiga propriedade rural da família. As mãos sujas dos irmãos e a falta de conforto na casa dos pais agora o incomodam muito.

Revedo compromissos

Um acidente de avião precipita a desencarnação de Ralph. Homem sem religião e sem tempo para pensar na vida após a morte, é surpreendido pelos dramas de consciência que o afligiram por quase uma década nas paisagens do umbral.

Ali, ele não sabe de onde viam as vozes que o acusavam. Como é possível a essa gente estranha saber tantos detalhes da sua vida?! Com que direito o acusam de explorar a miséria alheia e abandonar doentes que lhe recusaram o pagamento que exigia?!

Novos rumos

Internado numa colônia nas vizinhanças da região sombria onde curtia seu sofrimento moral, Ralph inicia um tratamento psicológico que inclui a revisão dos seus compromissos cármicos.

Numa existência anterior ele fora militar severo, exigente e violento, mas, atendendo a apelos de

familiares, foi trazido para o seio da família Gerb com o compromisso de usar a medicina para recompor vidas que tinha destruído na guerra.

É por isso que vimos Ralph tendo a abençoada oportunidade de ser médico por uma faculdade de Curitiba.

Não é fácil a nenhum Espírito cumprir as promessas assinadas na espiritualidade e vencer suas velhas tendências acumuladas em muitas encarnações.

Frequentemente agravamos nossos débitos, descumprimos nossos planos de melhoria e adiamos mais uma vez nossa ascensão.

O resgate

Por permissão da Misericórdia Divina, Ralph tem mais uma vez a chance de superar suas fraquezas espirituais.

Renasceu num bairro periférico de Londrina e aos três anos sofreu um choque alérgico na aplicação de uma vacina.

Hoje, com sequelas neurológicas graves, ele não consegue falar nem andar.

Sua mãe o arrasta num carrinho pedindo esmola na rua.

É curioso notar que todos que dele se aproximam se admiram ao ver um rosto tão lindo e um olhar tão penetrante. Que segredos estão imersos nessa alma infantil!

Lição de casa

A corrida ao dinheiro e às coisas materiais nos escraviza ao mundo. Não há como servir a dois senhores, por isso Jesus nos propõe que, antes de vir ter a Ele, que nos desfaçamos dos nossos apegos materiais.

Desencontro em Santo Anastácio

Cidade do interior, a família toda reunida está comemorando o aniversário de Renatinho. A criançada toda correndo e gritando como fazem todas nas festas de aniversário. Está com 8 anos, boa saúde, bom aluno, vive mais com os avós que cuidam da sua educação, porque os pais são empresários e as ocupações consomem tempo e energia dos dois.

Rogério e Marina, pais de Renatinho, se conheceram num curso de pós-graduação em gerenciamento de empresas. Ele já teve um casamento anterior, sendo pai de Humberto, moço de 23 anos, estudante de Direito que tem contatos esporádicos com o pai.

Durante a festa, o telefone toca e Rogério é chamado às pressas pela ex-esposa, Ruth, que relata acidente de trânsito com Humberto.

Não há como adiar. Mesmo contrariando Marina, que tudo faz para reter Rogério, ele sai num táxi que o leva ao hospital onde encontrará Humberto.

Lembranças do passado

O casamento de Rogério e Marina só se estabilizou após o nascimento de Renatinho. Com a vinda do menino, marido e mulher sentem-se mais comprometidos e o ciúme de Marina diminuiu bastante. Ela

nunca aceitou as exigências que Ruth fazia à distância impondo o comprometimento de Rogério na educação de Humberto. Ela insistia que, apesar da separação, Humberto era filho dos dois.

Marina era inflexível, não permitia que Rogério trouxesse Humberto à sua casa, principalmente após o nascimento de Renatinho. Não tiveram efeito os elogios que Rogério fazia sobre esse filho, educado, muito simpático com todo mundo, um gentleman e que revelava desejo e curiosidade em conhecer a ambos, Marina e Renatinho.

Um drama na Itália – 1904

Cidade do interior da Itália, povo extremamente fechado, preso a tradições religiosas, muito conservador nos seus costumes familiares. Qualquer estrangeiro era então visto com muita reserva.

Mora ali a nossa mesma Marina, que sempre acompanhava a família nas visitas e obrigações com a Igreja. Chega à cidade o mesmo Humberto, que a deixa deslumbrada. Moço bonito, educado, filósofo e estudante de Direito em Coimbra. Ali ele deixara a esposa e uma filha para tentar a vida na Itália. Na verdade estava de passagem pela pequena cidade onde vivia Marina. A paixão entre os dois cresceu como um incêndio na relva seca, sem que nada pudesse controlar. Foram feitas juras de amor eterno como fazem os apaixonados. Sem qualquer possibilidade de revelarem sua paixão, os dois tentam uma fuga para longe da Itália.

A inexperiência, porém, não lhes possibilitou sucesso no plano de fuga. Descobertos, Humberto é morto, caindo nos braços de Marina, exaurindo-se em sangue. Marina foi enviada para uma instituição religiosa na Suíça e não se teve mais notícia dela.

Reencontro adiado mais uma vez

O jovem Humberto ainda não reencontrara sua querida Marina, que hoje está casada com seu pai, Rogério. Não conseguiram se unir na antiga Itália e agora a vida arquiteta um jeito esquisito para reaproximá-los.

Ressentimentos, mágoas e ciúmes não permitiram que Marina sequer quisesse vê-lo. A vida terá de esperar mais uma vez por nova oportunidade para reunir os dois.

Desencontros na França

Reunindo afeições

A revolução francesa desencadeou intrigas, separações, julgamentos apressados e mortes. Jovina Dalambér e o infante André Vieux estavam prometidos um para o outro. Em julho de 1791, compromissos militares obrigaram nosso infante a se deslocar com seu batalhão para regiões de fronteira.

Inesperadamente, Jovina e sua família foram incluídas, sem motivo justo, na lista de procurados pelas forças do governo. Fugindo do terror, com ajuda de amigos, conseguem passagem num navio que os transporta ao Brasil.

Quando André retorna, aquartelando-se nas proximidades de Paris, não encontra mais ninguém na casa dos Dalambér. Nas vizinhanças, ele reconhece Monique, jovem amiga de Jovina que, percebendo o caminho livre para seus projetos amorosos, se apressa a dar a notícia, plantando na cabeça de André que Jovina lhe confessara interesse por outro mancebo que vivia em terras distantes.

Em 1906, numa fazenda do interior de São Paulo, um casal, proprietário da Fazenda Capim Dourado, descansa naquela tarde olhando da varanda o sol descendo no céu mansamente. Estavam comentando

seus 9 anos de casamento e sem filhos. O que seria daquelas terras sem um herdeiro? Como seria sua velhice sem ter com quem dividir alegrias e preocupações?

Entre os gritos e os piados das aves que buscam o abrigo da noite, ressoa o chamado de alguém pedindo ajuda. É pobre mulher que está para dar à luz uma criança. Quem será ela? De onde terá vindo? Como conseguiu chegar até ali?

Não há tempo a perder. A jovem é recolhida dentro de casa, as empregadas correm com ajudas improvisadas e a menina Jovina renasce nos braços de Monique e André, o casal de fazendeiros, reunidos, agora, pela força de antigos compromissos adiados na França.

Lição de casa

Ensina André Luiz: "todos os problemas criados por nós, não serão resolvidos senão por nós mesmos".

Desencontros do destino

Plantão médico

Guilherminho, 32 anos, nascido e criado em cidade do interior onde é conhecido por todos. Fama de namorador, boa pinta, quando jovem, boa conversa e facilidades na vida que os pais sempre disponibilizavam para ele.

Hoje, já é conhecido como Dr. Guilherme, diretor da Santa Casa, obstetra, faz plantão na maternidade três vezes por semana. No plantão dessa noite está internada Zoraide, vinte e poucos anos; não fez pré-natal e informaram que passa a maior parte do tempo na rua, não tem residência fixa e vive da caridade alheia.

Na verdade, apesar do desleixo na sua apresentação, ela é mulher de traços bonitos, o que deve ter estimulado ser procurada por homens sem escrúpulos, que nunca a respeitaram.

O parto

Alta madrugada, Zoraide está na sala de parto e aguarda a presença do Dr. Guilherme. Esse, agora há pouco, recebe um telefonema que lhe toma longos minutos no quarto dos plantonistas. Quando tem tempo para ir ver Zoraide, ela está em situação crítica; é feita

uma cesariana às pressas, mas Zoraide vem a falecer na sala de parto.

A criança torna-se o único ponto de apoio para Dr. Guilherme, que daquele momento em diante vai acompanhá-la por muitos meses. Recebeu o nome de Celeste de tal. Não havia sobrenome nos papéis da mãe. A esposa do Dr. Guilherme sugere adoção, mas a burocracia dificulta e Celeste é encaminhada para uma família de Guarulhos.

As lembranças de Celeste

Quinze anos se passaram. Dr. Guilherme agora mora em São Paulo, está separado da esposa e sofre de uma depressão crônica resistente a diversos medicamentos e tratamentos psiquiátricos.

Por sugestão de colegas, ele vai consultar uma médica espírita treinada na realização de regressões que exploram referências sobre vidas passadas. Os primeiros dois meses de terapia seguem um ritmo tradicional com diálogo ameno e sem compromissos maiores. Aos poucos, estabelecido determinado grau de empatia, Dr. Guilherme se entrega a reminiscências que aos poucos lhe mostram episódios sugestivos de outras encarnações. Ali aparece nosso Guilhermino, jovem piloto da aeronáutica, conquistador inconsequente. Tem um relacionamento amoroso rápido com moça do interior que fica grávida.

Desamparada, ela faz uso de ervas para provocar o aborto e sofre morte angustiante, intoxicada pelas

drogas. Dr. Guilherme cai em prantos, identificando nesse instante que é Celeste essa moça, e ele perdera a oportunidade de resgatar os débitos de sua cumplicidade quando ela cruzou sua vida como filha de Zoraide.

Lição de casa

O homem comum tem uma visão imediatista acreditando na solução fácil para os seus problemas espirituais.

Na maioria das vezes nos comprometemos uns com os outros por vidas, umas atrás das outras, gastando séculos na busca do resgate que recompõe nossa jornada evolutiva.

Peçamos a Jesus o amparo, mesmo que imerecido, para não desperdiçarmos nossos momentos de prova que possam significar nossa redenção.

Emoção a toda prova

Rogério e Adelaide fizeram um casamento simples para inaugurarem sua união depois de um noivado feliz e carinhoso. Um e outro se preenchiam em todos os detalhes, nos passeios, nas preferências e nos mínimos desejos – nada parecia ameaçar o encanto dessa paixão.

Dois anos depois Rogério arruma emprego numa repartição pública, onde conhece Janete – casada, mãe de um rapaz problemático que estava se envolvendo com drogas. Era Bruninho, que passava os dias sem estudo ou trabalho, abusando de droga até que um dia vem a falecer nas portas de um pronto-socorro. O casamento de Janete vai de mal a pior e ela aproveita ocasiões favoráveis para se insinuar junta a Rogério. Ele, porém, permanecia obediente aos seus princípios morais.

Adelaide fica grávida. Iria nascer Leonardo, para encanto do casal. No final da gravidez soam os sinais de alarme – a pressão de Adelaide sobe muito e a eclâmpsia se instala; ela é acudida às pressas, mas, num hospital de poucos recursos, falecem Adelaide e Leonardo, levando Rogério ao desespero irremediável.

Janete força sua separação e volta a dar em cima de Rogério – a instabilidade emocional e a falta de vigilância fazem com que se comprometam com uma gravidez indesejável; nasce um filho com grave retardo – é Bruninho de volta.

Espírito nobre, Rogério aceita essa prova difícil e investe tempo e cuidados no tratamento multidisciplinar de Bruninho. Cinco anos depois Janete inaugura um quadro de esquizofrenia grave – foi necessária a internação, bem como uma medicação pesada que levou a uma impregnação crônica que não lhe permitia sair mais do hospital psiquiátrico.

Cyntia, advogada jovem e talentosa, vai em busca de um documento importante e cruza com Rogério na sua repartição pública. Daí a novos encontros que se repetiram foi um passo para que a afeição recíproca os unisse em definitivo. Janete era para Rogério uma mulher desequilibrada que ele não abandonaria; Bruninho era realmente um filho problemático e ele se sentia altamente comprometido no seu tratamento e, agora, Cyntia era uma nova possibilidade de buscar a paz e o sossego que nunca lhe fora possível.

Daí a quatro anos Cyntia dá à luz uma princesinha – os mesmos olhos de uma pessoa amada e conhecida de Rogério – era Adelaide de volta.

Lições como essas se repetem aos milhares na parentela humana.

Entre a fazenda e o hospital

1820 – Rio de Janeiro

No rastro dos bandeirantes, Diogo Santoro, herdeiro de volumosa fortuna da família, se estabeleceu no Rio de Janeiro para frequentar a Corte, onde comprou seu título de Barão.

Seguro de suas posses e orgulhoso de sua nobreza, comprou velha fazenda de cana onde implantou seu império. Ali era a autoridade soberana decidindo o destino de serviçais que considerava a seu bel-prazer como incompetentes ou desobedientes.

Jovina, serviçal idosa, deixa quebrar a louça da cozinha; ele manda queimar uma de suas mãos com água quente.

Manoelzinho se descuida e duas vacas quebram as pernas no pasto; o Barão manda quebrar o pé do faltoso.

O escravo Ditinho se perde na mata, mas o Barão o julga foragido e ao ser encontrado é condenado a um jejum de 7 dias.

Um índio é pego roubando espigas de milho e o Barão manda afogá-lo no tanque do curral.

O corretor Soares veio receber a prestação do cartório e o Barão ordena seu assalto na estrada de volta para o Rio de Janeiro.

1860 - Santa Casa do Rio de Janeiro

Na enfermaria de indigentes está internado Diogo Santoro. O velho fazendeiro não resistiu às crises econômicas do Império em transição e sua fazenda foi à falência. Agora, as dores na coluna, a falta de ar e os ataques cardíacos não lhe dão sossego.

Exame de consciência

André Bulhões conversa com amigos num ambiente de descontração enfatizando suas exigências pessoais. Não abre mão do seu rigor em cumprir todos os preceitos legais sem tergiversar. Não admite concessões à corrupção, não faz atalhos em sua conduta rejeitando privilégios em quaisquer circunstâncias. Não aceita o tal jeitinho brasileiro, que interpreta como verdadeiras trapaças sociais. Procura cumprir suas obrigações de cristão caridoso com todos, não permitindo, porém, abusos de quem quer que seja.

No dia seguinte levanta-se apressado para o trabalho.

Logo na saída a esposa pede para ele esperar, porque tem uma encomenda para ser entregue numa loja vizinha – nosso André reclama e esbraveja, deixando a esposa quase sem fala.

Ainda no trânsito, o fluxo dos veículos é interrompido e André se altera com o policial que pede que lhe mostre os documentos.

Chegando ao escritório, está a sua espera abatido velhinho, que vem, de novo, pedir complacência com o atraso no aluguel do imóvel de que André é proprietário.

Dirigindo-se à secretária, André manda avisar que o caso já foi encaminhado à Justiça para cobrança e não tem mais nada a dizer ao pobre velho.

Ao sair para o almoço houve problema na energia elétrica e ele destrata aos berros o ascensorista, que pede a todos que se acalmem nessa emergência.

No meio da tarde a secretária avisa que a oficina ainda não liberou o conserto do carro que o filho bateu. Ele manda agilizar providências para denunciar a oficina no Procon.

Logo depois recebe visita de um grupo de amigos pedindo sua adesão a um jantar beneficente para angariar fundos para uma casa de drogados. Ele deixa todos sem graça ao fazer comentários desabonadores e agressivos aos usuários de drogas.

À noite, em casa, a esposa entrega-lhe a correspondência, em que há um convite para ele receber uma homenagem de cidadão exemplar, concedida pela Câmara de Vereadores do município. Para tanto, lhe pedem, para publicação em ata, um resumo das suas vitórias pessoais, do seu histórico de vida e das suas principais ações de benemerência.

André Bulhões se pôs a recapitular como fora seu comportamento naquele dia. Que desastre! como agiu em total dissonância com seus princípios!

Lição de casa

Somos sempre muito complacentes com nossas deficiências e supervalorizamos qualidades em nós que ninguém, além de nós mesmos, percebe.

Fragilizando a garantia e atraindo a cobrança

Marlene e Rosinha conversam no telefone. Uma notícia aqui, outra ali, e Marlene começa a criticar a vizinha Genilda – fala da roupa, do mau gosto das coisas da casa, até da cor das cortinas, da arrogância nas festas e solta a língua contando que a mãe de Genilda seria esquizofrênica, sempre escondida em casa ou internada em clínicas. As duas partem para o deboche e ridicularizam a pobre mulher.

As duas estão se comprometendo espiritualmente com a maledicência. Cada uma tem sua família organizada, marido se esforçando no trabalho, filhos frequentando escolas e nunca faltaram alimento e recursos na casa das duas. Elas não imaginam que seu bom comportamento tem mantido em permanente vigilância a proteção espiritual. Entidades ligadas ao amor fraterno acompanham e protegem as duas famílias nas doenças e dificuldades que todos enfrentam na vida. Mas acabam de se comprometer com a justiça e a ética divina. Deixam abertas as portas para o assédio de entidades tão fofas e zombeteiras como elas. Ficam vulneráveis a receberem o troco com a mesma moeda.

Mais dias ou menos dias as duas serão vítimas de escárnio público numa festa da família – vão jurar inocência e reclamar de injustiça.

Fatos da mesma importância ocorrem nos diversos ambientes da convivência humana...

- O chefe que assedia a subalterna.
- A patroa que humilha a empregada.
- O sócio que se apropria de dinheiro da firma.
- O político que se corrompe.
- A mulher que se vulgariza.
- O marido que desmerece a responsabilidade do lar.
- O aluno que burla as regras da escola.

Cada deslize ou desrespeito ao próximo fragiliza nossa proteção espiritual, suspendendo nossas defesas contra o assédio de obsessores que passam a ter direito de nos cobrar o que tomamos dos outros.

Fragmentos com Chico Xavier

Penso que Uberaba foi pega de surpresa quando o Chico Xavier mudou de Pedro Leopoldo para nossa cidade no início dos anos 60. Meu pai serviu de construtor para acomodar o médium na sua primeira casa lá nas vizinhanças do aeroporto – lugar descampado, difícil de ir, sem condução, até sem iluminação adequada, mas, mesmo assim, nós o visitávamos e a conversa, ouvindo suas histórias, iam até alta madrugada.

Estávamos em três pessoas nos despedindo, minha mãe, eu e uma senhora que a memória não me favorece lembrar quem era. Chico nos segura, assenta ao lado de uma mesinha e pede para ler uma página evangélica antes de sairmos – enfrentar a escuridão do lugar dava certo medo. Abrindo o livro Chico lê – “não atirai pérolas aos porcos”.

Aquela senhora faz um comentário rápido e minha mãe se dirige ao Chico dizendo: Chico, qual a sua opinião? O que Jesus quis dizer nessa lição? Tem gente que não merece receber as lições de Jesus?

Ele então nos responde: Ouvindo Emmanuel, ele nos ensina que para tudo tem o seu momento certo; falar do evangelho para alguém que sofre no deserto não tem sentido; eles precisam nesse momento é de água.

O médium então me surpreende, olha-me e diz que queria ouvir minha opinião.

Não sei de onde eu tirei essa versão para o texto bíblico. Chico, que me perdoem Jesus e Emmanuel, acima deles está Deus que nos envia à Terra no colo de uma mãe. Você pode conferir na porta das prisões, elas estão sempre lá. Os filhos rebeldes, malfeitores, doentes sociais, são todos culpados pela perversidade que disseminam. Mesmo assim, aquelas mães juram pela inocência deles. Dizem que foi por má companhia, que foi por descuido, que foi só aquela vez, que no fundo eles são bons, que os deixemos de novo em seu colo de mãe.

Ninguém mais continha as lágrimas nesse momento e o Chico me segura pela mão dizendo que há 10 anos não recebia a visita espiritual de sua mãe biológica e ela estava ali naquele momento nos inspirando.

Hospital São Vicente – primeira entrevista

Em São Paulo

Na ala feminina do hospital psiquiátrico está internada Maria Margot; tem 32 anos e está passando por sua quarta internação esse ano. No Hospital São Vicente trabalha a psiquiatra Dra. Carmem Biase Jimenes, que a acompanha nos últimos 15 dias. Margot vai repetir mais uma vez sua história sempre contada num clima de muita emoção. Constrangimento, culpa e desespero.

Aos 16 anos ela começou a dormir mal, rendia pouco nos estudos, perdia o interesse por se cuidar, deixava os cabelos desalinhados, o quarto em desordem e aos poucos se via abandonada pelos amigos. Os pais não conseguiam atinar o que se passava com ela. Intimamente Margot via-se envolvida em pensamentos torturantes que a deixavam tremendamente intranquila.

Ela começou relatando para a Dra. Carmem a sua capacidade para fazer premonições. Penso eu que para qualquer um de nós isso poderia parecer simples e até interessante – quem não gostaria de saber o que está para acontecer no futuro próximo?

Entretanto, Margot pode ter pré-ciência de que um

parente está para chegar, um amigo se envolverá em um acidente, a colega de classe está para adoecer seriamente e isso traz à Margot uma sensação inquietante, que a faz sofrer até que os fatos se confirmem sem maiores consequências. Com intervalos de anos essas premonições continuaram a perturbar Margot. A Dra. Carmem anota tudo e marca para amanhã sua próxima conversa.

Hospital São Vicente – segunda entrevista

As premonições

Dra. Carmem Biase ouviu Maria Margot pacientemente, anotando relatos de suas premonições e o sofrimento que elas lhe provocavam. Na opinião da competente psiquiatra essas imagens eram apenas frutos da grande ansiedade que acompanhava Margot em toda a sua vida – seus pensamentos eram ricos em histórias, fantasias e ocorrências dramáticas – os relatos que eventualmente coincidiam com futuros acontecimentos, Margot interpretava-os como acertos nas suas premonições; mas a nobre psiquiatra rejeitava essa hipótese.

A paciente tem mais coisas a contar: ela entrou para a Faculdade no curso de História – os velhos livros da biblioteca e as histórias dos movimentos revolucionários na Europa, especialmente no século XVIII a prendiam por dias seguidos de leitura.

As alucinações

Margot ia muito bem na Faculdade quando novos fenômenos começaram a incomodá-la: ao aproximar-se de certos colegas ela parecia sentir-se envolvida por

“sombras povoadas de rostos”. No começo achou que era o cansaço das leituras e, depois, notou um fato interessante: as ocorrências eram seletivas – aconteciam apenas com pessoas que lhe pareciam invejosas ou agressivas. Tudo começava com forte sensação de cansaço, dores nos músculos, às vezes parecia ter febre, manchas no corpo e, de repente, vinham as visões – eram rostos fugidios, apareciam na frente, atrás, dos lados, iam e vinham perturbando a conversa entre ela e os colegas. Com o passar do tempo via-se em sonhos repetindo as mesmas visões.

Algumas vezes Margot era levada ao ambulatório médico da Faculdade e, depois de avaliada, inclusive com exames de laboratório, o clínico de plantão dava seu diagnóstico: doença psicossomática, histeria, pânico e doença imunoalérgica.

Hospital São Vicente – terceira entrevista

A calma das primeiras entrevistas não é a mesma. Maria Margot passou uma noite muito inquieta – são as lembranças antigas que estão voltando à tona. A partir dos 23 anos Margot passou por episódios de total desassossego. Nada dava certo, perdia objetos e documentos, esquecia compromissos, seu comportamento era bisonho, incompatível com seu nível cultural, tomava decisões sabidamente irresponsáveis e de consequências desastrosas para ela. Vendia coisas pessoais por valores ridículos, aceitava encontro com grupos desconhecidos, assumindo comportamentos sexuais de risco.

Margot deixou de ser Margot, não era mais a mesma, nunca respondeu em voz alta e agora está intolerante e reage mal a solicitações amigáveis dos colegas. Margot parece possuída, dominada por qualquer coisa muito estranha, sua personalidade é outra. Confessa que não usa drogas e diz ter pouca lembrança do que faz fora de casa. Seu quarto está em desordem, suas roupas gastas e sem reformas, seu cabelo, unhas e maquiagem há tempos não são mais cuidados.

Na Faculdade, Margot polemiza com os professores, defende penas e punições rigorosas para corrigir toda a sociedade.

Essa Margot só volta ao que era quando recebe o socorro da mãe. Ambas viajam para o interior e, duas a três semanas depois, ela volta recuperada. Esse quadro que anarquiza sua personalidade foi-se repetindo com mais intensidade, provocando internações em clínicas psiquiátricas de urgência e registros em boletins policiais – foi dopada com medicamentos por diversas vezes, catalogada como esquizofrênica ou bipolar nos registros psiquiátricos.

Hospital São Vicente – quarta entrevista

Acomodada diante de Margot, a Dra. Carmem Biase Jimenez faz uma revisão do prontuário psiquiátrico de sua paciente – enquanto internada o relacionamento entre as duas foi o melhor possível apesar de crises “emocionais” sofridas por Margot. Nessas ocasiões passava por uma mudança dramática, até suas feições eram outras, ficava agressiva, arrogante, com respostas prontas, senhora de si. E ao mesmo tempo não se dava conta de seu desalinho, dos ferimentos no corpo que não sabia dizer como aconteceram, olheiras e secura na boca; chegava a passar o dia inteiro sem se alimentar e dormir – era um estado muito semelhante ao surto maníaco dos bipolares.

Em resumo, a Dra. Carmem tinha anotado no seu prontuário médico: transtorno esquizoafetivo.

Margot começou muito jovem a ter premonições frequentes – várias se confirmaram, mas a rigidez acadêmica da nossa psiquiatra não a permitia aceitar facilmente essas coincidências. Ficou muito claro para a Dra. Carmem que essas sensações eram extremamente penosas e desgastantes para a paciente – causavam-lhe um tormento psíquico difícil de ser suportado.

Entrando na Faculdade, Margot desenvolve um quadro histérico alucinatório – ela passa a ter visões e

sensações subjetivas de antipatia em relação a certos colegas. Ela descrevia visões de rostos fugidios que a apavoravam – eram personagens de um filme que a ameaçavam.

Depois vieram os surtos delirantes nos quais a personalidade de Maria Margot parecia ser outra – delicada e inteligente, passa a ser dominadora, exigente, propositadamente desleixada, inconsequente, irresponsável, envolvendo-se com acontecimentos policiais. Nessas ocasiões foi socorrida nos plantões de emergência da psiquiatria com o diagnóstico de surto maníaco ou esquizofrenia.

A Dra. Carmem estava com dificuldade em firmar um diagnóstico: como justificar premonições, visões de rostos, mudança radical da personalidade? Era uma fenomenologia muito rica, mas confusa para um diagnóstico psiquiátrico. Foi quando a médica decidiu pedir ajuda ao seu colega Dr. Joel Munhoz, especialista em hipnose. A paciente, de certa maneira, estava afetando muito sua médica – sem saber explicar por quê, a Dra. Carmem estava se desequilibrando emocionalmente diante de Maria Margot.

Hospital São Vicente – quinta entrevista

A hipnose

As três poltronas estão próximas acomodando confortavelmente a Dra. Carmem Biase, o Dr. Joel Munhoz, especialista em hipnose, e Maria Margot, que será induzida por ele a um transe sonambúlico.

Calmamente o Dr. Joel a faz ir resgatando memórias da infância. Passa a limpo episódios que possam representar para a criança um momento de terror, aflição, perdas significativas, agressão, assédio, abandono, rejeição, ciúme doentio, sensação de perseguição.

Margot é muito receptiva às sugestões do Dr. Joel e não teme abrir-se, colaborando nas descrições de cenas que lhe ficaram nas lembranças do passado – ela mesma se surpreende com a riqueza de detalhes que conseguia contar como se narrasse um filme. Mas de início nada em particular se destacou em seus relatos.

Seria desnecessário algum comentário nosso porque logo a seguir Margot parece cair em sono profundo, muda suas feições, tem-se a impressão de estar possuída e surpreendentemente começa a narrar com uma voz rouca e murmurante fatos ocorridos na Europa.

Na Europa

Está em Paris no meio do tumulto de uma revolução, as perseguições são violentas, poucas famílias foram poupadas – o reinado está para se desfazer. Um filme parece rolar de trás para frente – ela primeiro se vê num casebre imundo, toda suja, é agredida por desconhecidos que a chamam de traidora, tudo é sombrio e não há como saber onde está. Aos poucos vai lembrando-se de uma lista de nomes de antigos amigos da corte, que ela forneceu aos revoltosos. Foi com essa delação que ela conseguiu um salvo-conduto para fugir de Paris.

Horas antes, com os preparativos para aprontar a carruagem que vai transportá-la para Vènisieux, nas proximidades de Lyon, uma senhora aflita lhe bate à porta. Está junto dela uma menina de 12 anos que a mãe implora para ser levada com ela para fora de Paris, fugindo dos revoltosos. Em Lyon, uma tia vai recebê-la para cuidar da sua educação num colégio de freiras. Essa menina é Carmem, sua filha única.

A sessão termina aí – Dra. Carmem, a psiquiatra de Margot, é a mesma menina Carmem, salva da revolução francesa por Margot, e os tormentos da paciente estão ligados às vítimas que ela indicou para os revoltosos.

O Dimas na fila do Chico Xavier

Antes da reunião o Chico ia atendendo um por um os que se alinhavam naquela fila até sua mesa. É curioso de notar que nas filas lá em Minas Gerais ninguém tem pressa. Qualquer um pode alegar questão de horário e passar na frente. O que todo mundo queria é ficar vendo o Chico, mesmo que ali de longe, na fila de espera. No dia seguinte cada um tinha um pedaço de história para contar, ouviu isso ou aquilo do médium, uma revelação, uma mensagem, um carinho especial.

Eu sempre repeti: uma coisa é falar do Chico a distância, outra é estar perto dele e se envolver na sua vibração e no conteúdo dos seus comentários despojados.

Meus colegas de Faculdade sabiam que eu era espírita e o Dimas veio tirar sarro, fazer chacota, dizendo:

- Aquilo tudo é mentira, hoje à noite vou jogar pedra no telhado da casa dele e amanhã vão falar que tinha Espírito se comunicando.

Disse-lhe:

- Dimas, pelo menos você vá lá e conheça o Chico de perto.

Estudante de medicina, vindo de uma cidade Triângulo Mineiro, vizinha de Goiás, Dimas era um humilde desconhecido em Uberaba.

Então, por que não ir ver o Chico? Um dia estava ele na fila.

Raramente acontecia isso, mas dessa vez vários testemunharam o Chico fazendo um sinal pedindo para o Dimas se aproximar. E lhe disse:

- Meu filho, sua professora Adelaide me encantou pela beleza, uma pele clara, os cabelos loiros, ela manda lhe dizer para você não se preocupar com a doença da sua mãe porque os exames que ela acaba de fazer em Belo Horizonte deram normais.

Impossível descrever a reação de espanto do Dimas! Casos como o dele era frequentes lá no Chico...

Os caminhos da roça

Lá na roça

O vai e vem dos peões, as viagens da carroça de milho, do caminhão do leiteiro, do caminhar das mulas que trazem as encomendas da cidade, vão marcando o solo e criando caminhos.

Os anos se passaram e até hoje para ir de um lado para o outro seguimos as mesmas trilhas de antigamente. Tropeçamos nas mesmas pedras, subimos os barrancos, ultrapassamos os veios d'água e nos esfolamos nas mesmas quedas.

No cérebro de um bebezinho

Ele está repleto de neurônios. Quando sua mãe canta, seu irmãozinho joga uma bola, a professora o ensina a pintar, lá na televisão as crianças brincam, o pai o leva num passeio de carro – a cada estímulo novo, um conjunto de neurônios é mobilizado, são criadas redes de conexões neurais.

O efeito dos estímulos

Repetindo a mesma tarefa, haverá uma tendência de a mesma rede de neurônios responder ao estímulo.

"Neurônios que disparam juntos hoje tendem a dispararem juntos no futuro." Isso é a essência do aprendizado. Freud teria adorado essa afirmação, proposta por Donald Hebb em 1949.

Uma criança leva um susto com o barulho de um brinquedo. Quando cresce, ela não se lembra mais do barulho, mas rejeita pegar no brinquedo sem saber por quê. Aquele conjunto de neurônios que a criança estimulou na primeira ocasião reproduz a situação quando no futuro o mesmo estímulo se repete – a mesma rede de neurônios é mobilizada. É como seguir os mesmos caminhos da roça.

Nossos medos

O medo de chuva, a incapacidade para dirigir, a raiva da cunhada, o nojo da comida e a tristeza que aquela música provoca são repetições das mesmas redes de neurônios que no passado construímos para nós mesmos.

Esse tipo de recordação está ligada à nossa "memória implícita" – ela não requer a participação da consciência. Resumidamente, podemos dizer que em nossas experiências do dia a dia estamos desenvolvendo comportamentos e gerando emoções a cada imagem que a vida nos apresenta.

Imagens, comportamentos e emoções andam sempre juntos. Costumo dizer que não gosto tanto assim da cidade onde nasci – gosto mais é das lembranças que seus lugares me despertam.

O corpo fala

Esse tipo de memória (implícita) não se refere apenas a situações externas. Experiências vivenciadas pelo nosso corpo criam conexões neurais que hoje estão respondendo a um estímulo e, no futuro, repetirão os mesmos caminhos. O carinho de um abraço numa criança ou as palmadas que a violentam marcam também o seu corpo.

A maneira como respondemos hoje à dor de uma queda, de uma picada de injeção, ao corte de uma cirurgia, ao peso de uma dor nas costas, tem muito a ver com essa história na infância.

Nosso futuro fica mais ou menos escrito nas redes de neurônios que construímos ontem e hoje.

Para quem gosta de histórias da medicina e histórias da vida

A igreja de Santa Rita

Chamavam Uberaba de “a cidade de 7 colinas” e no alto de uma delas, de onde se pode ver o Mercado, Santa Rita foi homenageada com uma igreja construída com a simplicidade do nosso período colonial.

Nas suas escadarias singelas já fui surpreendido namorando a Maria Joana, enfermeira do nosso chefe de cirurgia – eram “artes” que a gente faz quando tem 20 anos. Estávamos então no final de 1960.

O Hospital das Crianças

Quero destacar que foi o primeiro hospital infantil do Brasil, construído pelo Rotary Club que meu pai frequentava.

Saindo da Faculdade de Medicina caminham-se uns tantos quarteirões, subimos a ladeira da igreja Santa Rita e, pronto, estamos no Hospital das Crianças.

Eu estava lá, aproveitando as férias do segundo ano da Faculdade. Meu pai me queria como pediatra, mas naquela manhã de quinta-feira o “Pepinho”, colega de turma, me levou até o Hospital São José para assistirmos às cirurgias. Estávamos na sala dos médicos quando a

enfermeira chefe entra avisando que o Dr. Guerra, neurocirurgião, iria precisar de um auxiliar para fazer uma cirurgia numa criança de 3 anos. Não me dei conta de que todos os alunos saíram apressados, sobrando somente eu na sala.

Hospital São José

No maior susto do mundo, daí a meia hora, estávamos só Dr. Guerra e eu na sala de cirurgia, preparando a criança para ser operada – uma cirurgia que ia durar 15 horas, e só aí me dei conta por que todo mundo fugiu da sala dos médicos. Era um tumor no cerebelo; a paciente seria operada de barriga para baixo.

Pasmem! Naquele tempo não existia anestesista. O Dr. Hirogi e o Dr. Wandir, ambos da cirurgia geral, vieram para se revezarem no papel de anestesistas.

O trabalho neurocirúrgico é minucioso, horas seguidas lidando num único ponto do tumor; as horas passam e a gente já não percebe as pernas, as costas ficam adormecidas e a visão não enxerga mais nada dos lados, os olhos não podem desgrudar dos vasos que sangram. Altas horas da noite o banco de sangue já está fechado e a criança precisa de mais transfusões.

Não se espantem com o que eu vou lhes contar: foram chamados os dois alunos do plantão noturno, o Ivo e o Hiroshi. Um por vez deitou numa maca ao lado da criança e com uma seringa alemã era aspirado o sangue do aluno e empurrando a seringa esse sangue ia para a veia da menina.

Alta madrugada terminamos a cirurgia exaustos, eu querendo um chão para deitar; não precisava nem cama. Pedia que me dessem ao menos um tempo para descansar as pernas.

Impossível esquecer essa experiência extenuante e a lição que aprendemos a seguir. Relaxamos e deixamos o anestesista tornar-se o paciente – naquele momento teve uma parada cardíaca e morreu ali na nossa frente.

Passei o resto da vida lutando para empurrar essa morte para longe dos pacientes que eu fui operando depois.

Passaporte para renascer

Os preparativos

Nas vizinhanças da capital mineira existe uma “colônia” na espiritualidade onde se abriga um grupo de candidatos ao renascimento.

Já se vão três exaustivos anos de cursos, terapia comportamental, revisão de vidas passadas, opções de datas, escolha de familiares sintonizados com o projeto de cada interessado. É preciso ajustar a possibilidade de doenças inesperadas, acidentes imprevistos e recursos financeiros.

De uma forma ou de outra, o perispírito de cada aluno traz as sequelas de abusos de encarnações mal aproveitadas e tudo isso é débito em conta no passivo pessoal de cada um que vai exigir reajuste.

O trabalho psicológico é intenso. Para todos, é necessário dominar os medos, lutar para vencer os sentimentos de culpa, repetir lições para não caírem nos mesmos desatinos e firmar-se o mais cedo possível nas orientações de Jesus.

Praticamente todos terão, de um jeito ou de outro, a oportunidade de conhecerem a Doutrina Espírita.

A pré-seleção

Saulo Fernandes, Espírito nobre, esboçando extrema serenidade, irá entrevistar a cada um deles, ouvindo pedidos e promessas.

Os candidatos

Terezinha Aguiar. Foi bailarina em casa noturna, sofrendo humilhações e abusos. Agora pede para nascer na pobreza do interior da Bahia, onde implora a possibilidade de ser uma simples lavadeira, daquelas que se ajoelham na barranca dos rios lavando a roupa de famílias abastadas.

Agenor Mariano. Foi farmacêutico humilde na periferia da cidade e, agora, terá a oportunidade de ser sanitarista na capital mineira. Expõe a Saulo seus temores, seus medos, sua insegurança e pede ao dirigente um pouco mais de prazo para se preparar melhor. Voltar à Terra enfrentando seus desafios é sempre uma temeridade mesmo para os que reprogramam cautelosamente sua reencarnação.

Consuelo Linhares. Está aflitíssima, reclama que não suportará de novo aquele monte de filhos. Afinal, foram eles que não permitiram que ela tivesse uma vida melhor na capital mineira. Sempre a condenaram por tê-los deixado com as avós e não suportaria cuidar de crianças outra vez.

Marta Constantino de Jesus. Exige pressa. Afinal, o esposo, Leôncio Amaral, já reencarnou e ele não sabe se

cuidar sem ajuda dela – sempre quem cuidou de tudo foi Marta. Ela, por sua vez, exige uma definição mais clara de qual será sua família – não suportaria a pobreza antes de reencontrar Leôncio.

Jovita Cortez. Também tem muita pressa – as dores no peito incomodam, as pernas que não obedecem, a cabeça sempre atordoada, acorda em sobressaltos. Quem sabe um novo corpo a livra de tanta doença! Não sabe como vai se virar sem escravos, porque pagar empregados sem garantia de recursos financeiros é praticamente impossível.

Cláudio José Lobo. Foi sacerdote na última encarnação, envolvendo-se gravemente em ligações amorosas. Hoje, pede para ser encaminhado a uma instituição infantil de benemerência, onde possa aprender com a orfandade a valorizar a família.

José Barroso Coelho. Comprometido com o alcoolismo, solicita a oportunidade de resgate numa enfermaria onde desde criança padeça em busca de um transplante de fígado.

Manoel Francoso. Sem controle, embriagado, fez várias vítimas num atropelamento, vindo a falecer entre as ferragens do caminhão que dirigia. Implora para nascer cego e, se possível, com a possibilidade de trabalhar como fisioterapeuta entre parálíticos.

Lição de casa

Anotando o pedido de cada um, Saulo Fernandes, ergue-se e pronuncia para todos as palavras do Mestre:

“Quem quiser vir até a Mim, tome de sua cruz e siga-Me”.

Prisioneiros

Bandidos, ladrões e assassinos estão trancafiados atrás das grades com penas duradouras para resgatar seus crimes. Quatro, cinco, quinze anos de sofrimento. Outros, porém, se aprisionam vitimados por si mesmos.

João Macedo guarda até hoje a escritura das terras que tomou do seu Candinho cobrando dívidas de negócios. Foi cruel e inflexível, mas, nessa hora, defendendo os seus interesses particulares, achou que não podia amolecer.

Os anos passam céleres e o nosso fazendeiro não soube mais de quaisquer notícias do seu Candinho, que teve de se arrastar com mulher e filhos para o interior da Bahia tentando sobreviver.

Algumas vezes, João Macedo sentia-se incomodado por um lampejo de remorso que lhe passava pela cabeça, mas, agora, não há mais o que fazer. Já se vão quinze anos nessa tormenta.

Mariana e Jacira eram irmãs inseparáveis. Casaram juntas e mantiveram sempre a aproximação carinhosa. Quando uma adoecia, a outra acudia. Quando uma viajava, a outra substituía vigiando os sobrinhos.

Com a morte dos pais, foi necessário dividir a herança.

Marido de uma, marido de outra, filhos crescidos interessados em dinheiro, contas, reformas da casa,

impostos e advogados viraram conversa nova para quem só falava de coisas de casa e da vida simples de antigamente.

Uma palavra aqui, outra ali, mal-entendidos, desculpas, protelações e acordos. Tudo isso vai afastando cada vez mais as duas irmãs. Nem um lado nem o outro ficaram satisfeitos com a partilha dos bens paternos e ressentimentos foram brotando e crescendo sem controle.

Já se vão cinco anos de desencontros, aprisionando as duas em desavença que nunca houve antes.

Dr. Ronaldo saía tarde do escritório de advogado. Pacientemente a esposa fazia os filhos suportarem a demora para jantarem juntos no início da noite. Dava tempo para uma conversa rápida pondo em dia as necessidades da casa e o comportamento peralta dos 3 meninos do casal.

Raramente tinham tempo para férias. A correria aumentava, a clientela crescia e os atrasos se espichavam. Os meninos, entrando na adolescência, exigiam pulso mais firme que a mãe, sozinha, não dava conta. Essa mistura de muito trabalho e muita cobrança familiar desestabilizava o controle emocional do Dr. Ronaldo. E justamente num momento dessas reflexões procura-o uma cliente jovem, relatando aflições e desamparo. O que uma fala, o outro compara com sua própria angústia. Em pouco tempo as trocas afetivas têm início e, como em tantos outros casos parecidos, o Dr. Ronaldo separa-se da esposa sem se dar conta do desastre que estava causando dentro da própria casa.

Quinze anos depois, martirizado por traições da nova companheira, procura notícias do destino dos filhos que nunca mais viu.

Aqui e ali o ser humano vai tecendo seu destino, tomando atitudes jamais pensadas antes – elas, entretanto, poderão torná-lo “prisioneiro” por muito tempo, deixando-o à espera de novas oportunidades que a Misericórdia Divina vai caridosamente providenciar para seu resgate.

Professor Sanvito

Ele costumava dizer que o melhor método de aprendizado é você “esfregar” seu cérebro no cérebro de quem sabe mais.

É uma metáfora perigosa, cada cérebro tem conteúdo próprio e nem tudo que é do outro nos convém.

Dr. Sanvito é de um talento ímpar para dar aula – daquele tipo de professor que aprisiona a atenção do ouvinte. É neurologista da velha guarda (Santa Casa de São Paulo) que conviveu e, assim como eu, aprendeu muito de semiologia neurológica com o Professor Julião (considerado um dos melhores do mundo pelo Professor Gastaut de Paris) – fui seu assistente durante 7 anos na Unicamp vindo a substituí-lo em 1973.

Certa ocasião o Dr. Sanvito veio nos dar uma aula – “A Neurologia das mãos”. São muito poucos os médicos que teriam a competência para falar durante uma hora sobre a análise neurológica da mão, dos gestos que se fazem com elas, das paralisias dos nervos da mão, de suas atrofia, de deformações congênitas, quanto a genética as compromete, dos seus tremores delicados que o álcool melhora, ou dos tremores grosseiros que a carne piora, dos trejeitos patológicos, das posturas histéricas, dos tiques, das distonias, das atetoses quando a mão se enrola sobre si mesmo, das coreias que fazem

a mão dançar ou “ordenhar leite” quando aperta a mão dos outros. A mão que condena, que agride, que acaricia, que denuncia, que abençoa e as mãos que desprezam ou aquelas que perdoam, as mãos de Eurídice postas em súplica antes que Gumercindo enraivecido a mate.

Profissões e resgate

O Médico

Dr. Silas é cirurgião de tórax na equipe de um hospital tradicional de São Paulo. Duas ou três cirurgias por dia, abrindo pulmões e corações. A jornada é exaustiva, mas já se vão mais de 20 anos praticamente sem férias.

Sua memória atual não lhe permite recordar suas batalhas como “lanceiro” nos campos de guerra nas tropas francesas. Rasgava o tórax do inimigo no manejo certo da lança. Hoje ele salva pessoas com ferimento no tórax.

O Professor

Seu Armando Torrinha foi dedicado professor de português e matemática na cidadezinha de Bom Jesus. Um bando de meninos lhe batiam à porta para cursinhos preparatórios – naquele tempo havia um exame de admissão entre o primário e o ginásial e muita gente corria ao professor Torrinha para se aprimorar nos testes que as provas exigiam.

Alguns séculos antes, na Franca medieval, *seu* Torrinha professava uma seita que desviava crianças e jovens para práticas de falsa mendicância.

Hoje o educador professa uma religião cristã e é excelente professor de adolescentes.

O Engenheiro

Dr. Ronaldo Silveira é engenheiro contratado pelo serviço de estradas de rodagem. Uma temporada em cada cidade, sobrando muito pouco tempo para a família. Está sempre às voltas com novos projetos construindo pontes, desvios, trevos e viadutos.

Nas longas viagens das cruzadas espanholas o Dr. Ronaldo comandava a derrubada das casas a cada batalha que seu exército conquistava. Estradas, pontes e casas eram postas ao chão. Sua oportunidade de resgate está se cumprindo agora no interior de São Paulo.

A Farmacêutica

O bairro da Mooca em São Paulo abriga antiga farmácia de manipulação cuja confiança foi conquistada pelo trabalho incansável de Dona Alzirinha.

Muita febre, dor de cabeça, cólicas, intestino preso, urina solta, vômitos biliosos, lombalgia, sinusite, má digestão, pedra nos rins já foram acudidos por Dona Alzira.

Eram poções que não exigiam receita médica, mas eram infalíveis.

Entre a Alzira que conhecemos hoje e a Dolores que viveu na corte espanhola haviam decorrido sete séculos. Dolores nessa época era procurada para produzir poções

farmacêuticas de finalidade duvidosa: eliminar adversários, atrair um amor pretendido, afastar a rival, realizar um bom negócio, receber títulos ou ganhar um bom cargo público.

O sofrimento que causava como Dolores no passado transformou-se em cura no boticário de Alzirinha.

O Psicólogo

Padre Damiãozinho adorava um segredo. Na igreja de Diamantina, o que não faltava naquele tempo eram confissões recheadas de intrigas e fofocas. E nosso padre adorava plantar uma semente aqui ou dar um pontinho ali. Costurava as versões e plantava os fatos com o texto que lhe convinha. Entre um caso de amor e outro, Damiãozinho emitia julgamento e condenação. Nas disputas políticas ele preferia sempre ser do próprio partido do ouvinte. Em partilha de herança ele não permitia que a igreja ficasse de fora.

Hoje, um prédio alto de Belo Horizonte abriga uma belíssima clínica de psicologia.

Dr. Nogueira cursou psicologia, fez doutorado em Barcelona e é especializado em terapia de casais. Não sabe explicar por que sua clientela procedente de Diamantina é tão grande. Foi um casal de parentes do prefeito que o procurou de início e daí em diante sua fama se alastrou na cidade.

Com aconselhamento, distribuição de paciência e tolerância, ele vai costurando uniões rompidas.

Lição de casa

Diz André Luiz que “somos todos enfermos de assistência recíproca”. Em todas as formas de tratamento, é o próprio terapeuta quem mais se beneficia.

Resgate e salvação

Cadeira de rodas

Seu Angelino era conhecido como muito vaidoso e perdulário. Com empréstimos comprava tudo que queria, até um dia em que a queixa dos credores era tanta que ele corria o risco de ir para a cadeia.

Desesperado e sem recurso, Angelino, se atira sob as rodas de um trem urbano. Anos depois, após muito sofrer e implorar, conseguiu renascer sem escutar e sem poder andar.

Com válvulas na cabeça

Rosenilda não se cansava de falar. De casa em casa era um vizinho ou um parente que ela punha para escutar.

Nunca se cuidou do que não dizer para não machucar. Não poupava ninguém, nem mesmo suas irmãs.

Tanto plantava que até casamento conseguiu desarranjar. Inimizade aos montões. O tempo passa e, noutra vida, está Rosenilda no vai e vem de hospital em hospital – tem hidrocefalia, a cabeça agora é oca, tem mais água que miolo.

Perdeu a memória

Comendador Flores tinha terras, gado e muito dinheiro. Para um filho prometeu ajuda para estudar. Para a filha ia dar uma casa para morar. Na Santa Casa deixou recado que ia levar sacarias de mantimentos. O pobre do Manezinho era o vizinho doente que ele ficou de visitar e levar os remédios que precisar. Mulheres da igreja pediam donativos para a caridade e ele prometia ajudar.

Passando de uma vida para a outra, o seu Flores agora vive esquecendo tudo que ouve e sofre de Alzheimer.

A dançarina de rua

Leocádia tinha sempre um pretexto para humilhar. Era a dona do castelo e se sentia no direito de aprovar ou condenar. Nunca perdeu, porém, a oportunidade para expor um ou outro convidado ao deboche e à desconsideração. Criticava a roupa de uma, o penteado de outra. Menosprezava a inteligência de uma autoridade. Ridicularizava a pobreza de alguém de renome que "esbanjava" dinheiro na caridade. Fazia desfilar a criadagem humilde para esnoabar a firmeza com que mandava.

Vidas depois, Leocádia está na cidade de Bom Jesus, percorre as ruas maltrapilha, balançando braços e pernas, fazendo caretas e falando de soquinho. Na Santa Casa disseram que ela sofre de coreia, diz o médico que

é a dança de São Guido. Não é por isso que ela mereça ser achincalhada pelos moleques da rua que a seguem imitando os seus trejeitos.

Um chefe rigorosíssimo

Não se vê mais aquele tipo de médico/professor como Rolando Tenuto, do Hospital das Clínicas em São Paulo. Corria o ano de 1965. Caminhava pela enfermaria seguido por aquele cortejo de assistentes logo atrás – alguns até mais velhos que ele, mas sempre lhe mantendo respeito e distância. Havia uma hierarquia rígida para falar com ele. Nesse ano eu estava no fim da fila.

Tudo, porém, se transformava na hora de uma cirurgia. Era uma vitória disputadíssima ser escalado para fazer parte da equipe que ia ajudá-lo a operar um tumor cerebral. Silêncio total, eu ali do lado dele impedido de abrir a boca, vigiado pelo olhar dos demais assistentes.

De repente ele me pergunta:

– Você é parente da Dra. Ivone Facure, anestesista?

– Não a conheço, professor – respondi-lhe.

– Fui com ela a uma sessão de materialização – diz o professor Tenuto.

– Sou espírita, gostaria de saber o que o senhor achou.

– Primeiro sentimos um cheiro agradável, depois uma música suave. Quando nos disseram que estava presente o famoso cantor Francisco Alves eu não acreditei até ouvir sua voz cantando.

– O senhor chegou a ficar convencido do fenômeno?
– minhas pernas estavam sem chão para lhe fazer mais essa pergunta e os assistentes me olhavam como que dizendo: “vamos te matar na saída, seu pirralho inconveniente”.

O Professor Tenuto então me disse calmamente:

– Fui cumprimentado de perto por alguns Espíritos, toquei neles e a sensação é de umidade e muito frio; tive medo, sim, um medo terrível.

Um estouro na estrada

Os causos que conto são verdadeiros e acontecidos, outros inventados. Para alguns pedaços preciso pedir a Deus para dar o devido desconto quando cometo omissão ou exagero. Mas este que agora conto é um que merece registro e crédito:

Deve ter acontecido no ano de 1976. Convidamos o famoso Professor Lefèvre, maior neuropediatra do Brasil, para uma palestra aqui em Campinas – uma aula especial no anfiteatro da antiga e carcomida Santa Casa, o famoso “Paulistão”, sujo e sem qualquer conforto, mas cheio de histórias daquelas aulas magistrais das Teses de Doutorado no início da Faculdade de Medicina. Galhardamente, as defesas de Tese naquela época eram um espetáculo social.

Desfrutei de aulas, visitas à enfermaria e reuniões de casos no HC em São Paulo na década de 1960, no tempo do Professor Lefèvre. Fundador incontestado da Neuropediatria brasileira, fez história nessa área e até hoje ninguém sequer se aproximou de seus méritos e genialidade.

Antônio Branco Lefèvre era uma figura vistosa, um indivíduo imponente, carismático, apropriado para aparecer em quaisquer das epopeias do cinema de então – de perto poderia ser César ou o Poderoso Chefão. Mas seu caráter e sua docilidade, com um jeito particular de

falar, deixava as alunas e assistentes magnetizados – a cada leito que parávamos para que ele revelasse ali suas opiniões havia um séquito de fiéis seguidoras – não era bajulação, ele não se dava a isso, era deslumbramento.

Todo finalzinho de manhã na enfermaria de neurologia do HC, encostávamos ao seu lado no corredor e o discurso político de esquerda se revelava num homem comprometido com um ideal socialista romântico – a esquerda filosófica da USP naquela ocasião.

Quando vim para Campinas dei algumas aulas de neuropediatria complementadas com um filme clássico em que o Professor Lefèvre expunha as técnicas de exame neurológico do recém-nascido. Ano após ano, esse filme era exibido nas diversas turmas que passavam pela neurologia. A modernidade trouxe avanços, mas não a mesma competência do Professor Lefèvre em lidar com suas próprias mãos o corpinho delicado dos bebês. Talvez, como tudo que envelhece, as gerações de novos neurologistas nem sabem mais onde estará essa relíquia cinematográfica – pobre país que se desfaz da experiência dos professores/médicos de antigamente.

Assim que o Professor Lefèvre chega a Campinas, recebo um telefonema – era o Professor Spina-França, famoso pela sua rigidez germânica. Ele queria me dar um recado particular: – Professor Nubor, está em suas mãos um Homem, o professor Lefèvre, a quem você deve dar toda a proteção possível; não me deixe acontecer nada com ele.

Mil coisas passaram em minha cabeça, o coração batendo fora do peito, as pernas desapegaram do chão,

não tenho memória para lembrar sequer o título da aula. Era 1976, isso diz quase tudo. E na época trabalhava conosco o Dr. Moreira fazendo nossos eletroencefalogramas. Eu o convoquei e pedi às pressas a presença da minha esposa (nossa enfermeira na ocasião). Terminada a aula, instalamos o Professor, que mantinha sua cândida calma, no meu Ford Galaxie LTD marrom e fomos os quatro para São Paulo. Na altura de Louveira escuto um estrondo – o Dr. Moreira disse: estourou um pneu – até hoje furar pneu nunca mais me aconteceu na vida – mas justamente com o Professor Lefèvre, tão recomendado veementemente pelo Prof. Spina, tinha de acontecer. Não adiantou termos prometido lhe darmos o máximo de proteção – foi o acaso? Justamente na Anhanguera? Naquele tempo só passava por ali um “gato pingado” de vez em quando. Jamais teria forças até para sair do carro, mas providencialmente agradeço ao Dr. Moreira até hoje – ele fez a troca e entregamos o Prof. Lefèvre são e salvo. Esse homem brilhante veio a falecer anos mais tarde de complicações bobas numa cirurgia cardíaca de onde milhares saem ilesos.

Vovó Januária

Há 6 anos o neto Danilo vem empurrando a cadeira de rodas para um lugar e outro na casa da Vó Januária ou nas ruas íngremes da cidadezinha de Morro Agudo, em Minas Gerais. Sua perna direita precisa ficar esticada devido a uma ferida malcheirosa que não cicatriza desde que ela foi picada por uma aranha. Danilo faz curativo duas vezes por dia com ervas caseiras, unguentos e cremes umidificantes, mantendo a ferida enfaixada sem que, entretanto, aquele cheiro estranho desapareça.

Januária foi casada com o pedreiro Denival por 25 anos até que ele a abandonou com a desculpa de procurar trabalho “por aí” – seu sonho era ir para o garimpo de Goiás – sua cobiça era o diamante que peneiravam nas barrancas dos rios naquela época.

Dos 5 filhos de Januária só a Carminha, mãe de Danilo, vinha lhe trazer ajuda e fazer companhia por algumas horas. O neto, apesar de seu 12 anos, fazia todas as tarefas de casa depois que Januária se imobilizou na cadeira de rodas.

Januária, Denival, Carminha e Danilo programaram esse reencontro em Morro Agudo para recomporem seus compromissos perturbados na velha Espanha nos anos da colonização americana – foram quase duzentos anos de espera para que essa vida de sacrifício em Minas Gerais pudesse aliviar as culpas do passado.

Januária, usando amigos influentes, conseguiu deportar o marido Denival para ficar com suas pepitas de ouro trazidas da América por marinheiros espanhóis. Depois, produzindo intrigas acabou desfazendo um casamento feliz de Danilo com Carminha, fugindo com ele para o interior de Portugal – numa viagem tumultuada pelas intempéries da estação chuvosa, ela, exigindo pressa na carruagem, faz o cocheiro cair do assento fraturando as duas pernas.

Apesar de rica, vivendo com Danilo uma paixão a que não tinha direito, Januária, corroída por remorsos, envelhece precocemente, morrendo sozinha num casarão próximo a Coimbra.

A reencarnação aproxima as pessoas de quem mais necessitamos para sustentar nossa evolução espiritual.

Dificuldades, doenças, afeições que nos abandonam fazem parte do bem e do mal que nós mesmos plantamos – são as lições de que precisamos para resgatar e crescer.

Ansiedade

Dr. Maurício assenta-se à minha frente e aproveitamos para rever dificuldades da nossa luta quando há 20 anos ele esteve compartilhando comigo o atendimento aos pacientes.

Perguntamos um ao outro: os remédios atuais para tratar a ansiedade trouxeram a cura da doença?

Maurício, vou rever com você os casos da semana:

Renata permanece aflitíssima, não sabe como vai pagar as contas, já não consegue disciplinar seus gastos.

Carlos sente dores fortes no estômago, vive preocupado com intrigas que ouve nas conversinhas do escritório.

Dona Débora acha que o esposo não percebe suas necessidades, vive preso ao trabalho na empresa e não liga para ela.

Gilmar nunca acha tempo para estudar e vem aqui reclamando dos professores que o perseguem.

Marcela veio pedir mais uma licença do trabalho, não suporta as esquisitices do chefe.

Dona Dulce pede um remanejamento na escola, os alunos são muito agressivos e indisciplinados, ela já tem muita idade e a taquicardia aparece fácil.

Mariana vive de discussões e atritos com a sobrinha. Não há argumentos que a façam decidir ajudar nos cuidados da casa.

Fernandinho quase não sai da cama, abandonou a Faculdade e exige que a mãe pague o celular novo.

Seu Jonas abandonou o Centro Espírita, não consegue dormir, deixou as caminhadas e diz que não se simpatiza com a nova diretoria do Centro.

Abigail deixou o trabalho na Cooperativa – disse que ultimamente só ela trabalha e os outros fazem corpo mole.

Lição de casa

Os remédios podem acalmar o cérebro e aquietar o corpo, mas só o crescimento espiritual tranquiliza a alma.

Episódios de comunicação do pensamento - Dona Lídia

Dona Lídia está na varanda da fazenda completamente distraída olhando fixa para o roseiral ali do lado. Essa distração involuntária facilita receber as ondas mentais que o esposo lhe envia. Uma lembrança forte do marido que parece segurar uma pasta de documentos. Repentinamente toca o telefone – é o esposo aflito lhe pedindo para enviar pelo correio a pasta de documentos que deixou na fazenda.

As transmissões telepáticas são mensagens curtas, às vezes uma só palavra ou a imagem de um objeto. Ocorre entre pessoas de forte ligação afetiva e em momentos de descontração ou mesmo leve sonolência.

Nós todos as recebemos com muita frequência e mal nos damos conta da sua importância.

Escrita automática

Numa tarde, quando já se conseguia sentir o inverno chegando a Paris, na velha casa da família Delboeuf, as meninas Léonie e Lucie estão fazendo anotações em seus cadernos. Subitamente Léonie se ergue, vai até a estante e pega um dos seus livros. Poderia parecer um gesto normal e comum, mas a jovem logo a seguir toma do seu lápis e escreve o que parece ser uma mensagem: levantar, pegar seu livro e anotar no caderno que virá ao Hospital na terça-feira.

Há quatro meses as duas jovens comparecem semanalmente ao consultório do Professor Janet, que faz experimentações com o sonambulismo e a escrita automática. Isso que acaba de ocorrer na sua casa foi provocado no experimento da manhã quando o Professor Janet implantou uma sugestão pós-sonambúlica para que Léonie cumprisse certas tarefas quando estivesse estudando.

Nos dias subsequentes as duas meninas, submetidas ao sono hipnótico, escrevem uma página atrás da outra sobre temas diversos. Não há nada de surpreendente nesses textos; são relatos de recordações que as duas trazem à mente como lembranças antigas.

Com o treinamento o automatismo da escrita já passa ocorrer sem a necessidade do transe sonambúlico. Interessante é que o Professor Janet descobriu que pode

fazer sugestões mentais para as duas e uma ou outra palavra é captada mentalmente e elas podem reproduzir esses fragmentos do pensamento do célebre professor.

Nas suas conclusões nosso Professor de neurologia queria provar que a escrita automática era em tudo igual à escrita psicografada pelos médiuns, desacreditando a mediunidade que vários de seus colegas vinham estudando nessa mesma época.

Lição de casa

A escrita automática é um fenômeno fisiológico comum e que não deve ser confundido com manifestações de entidades espirituais.

Magnetismo animal

De Viena a Paris o Dr. Mesmer fazia curas extraordinárias com o método de magnetização e produção da "crise" sonambúlica. Para seus colegas médicos tudo não passava de fruto da imaginação.

Mesmer curou uma paciente convulsiva, uma jovem musicista que era cega desde os 7 anos de idade e toda espécie de neuróticas que frequentavam a corte de Maria Antonieta.

O reitor da Faculdade de Medicina da Áustria foi convidado a testemunhar os efeitos do magnetismo. Foi colocado de pé na soleira da porta de onde podia ver duas salas. Numa delas estava Mesmer e, na outra, um paciente de pé no meio da sala. Mesmer apontando para o paciente balançou o braço para um lado e o outro – o paciente, que não o via, executou um movimento semelhante, balançando seu corpo para um lado e outro. Quando Mesmer girou o braço o paciente reproduziu o mesmo giro com o corpo.

O reitor foi levado ao quarto de uma convulsiva e assim que Mesmer a tocou com a mão ela teve uma crise de contrações intensas. O reitor também tocou a paciente e nada conseguiu. Mesmer magnetizava, também, os objetos e, diante de seis cálices trazidos da cozinha, pediu para o reitor fazer a escolha – qual taça deveria ser magnetizada. Quando o reitor tocou a

paciente com o copo magnetizado, ela convulsionou. Para surpresa definitiva Mesmer magnetiza a própria mão do ilustre reitor e assim, sendo magnetizada, a mão do reitor produzia na paciente as crises de convulsão.

Lição de casa

É bom saber que tudo que tocamos, principalmente nossos objetos de uso pessoal, fica impregnado do nosso magnetismo.

O Espírito que lia livros

O Doutor Moses era exigente e cauteloso em suas pesquisas. Estava em busca de uma prova definitiva. Ele e mais 5 professores do seu círculo de amizades se reuniam no salão da sua biblioteca com duas médiuns experientes que a França começava a conhecer.

Tinham testemunhado a escrita automática, desenhos de rostos, textos de inequívoca complexidade, captação de pensamentos a distância, exemplos de clareza e até mesmo diagnóstico de doenças nos frequentadores.

O Doutor Moses começa seu interrogatório naquela noite. Pergunta ao Espírito incorporado na médium Lisete Roux:

– Você pode ler um livro fechado?

– Não, não tenho como conseguir. Porém, está aqui alguém que pode – meu amigo Philippe.

– Como ele faz isso?

– Ele “magnetiza” a frase que pretende ler.

O Doutor Moses passa a interrogar Philippe:

– Aqui está um livro em nossa mesa. O que está escrito na página 232?

Lisete então toma do lápis e escreve: “A Humanidade está diante de uma nova Era”.

O texto era exatamente esse.

Ainda persistia a possibilidade de ter ocorrido uma simples transmissão do pensamento a partir de algum dos professores ali presente.

Philippe faz então uma nova experiência:

Escreve pela mão de Charlotte, a outra médium ali presente: "A morte é uma ilusão, o homem percorrerá inúmeras experiências nos dois planos da vida até atingir a perfeição" e completou: procurar no Livro 4, página 137, terceira linha, estante da direita da sala.

O Doutor Moses levantou-se e confirmou a veracidade da afirmação que o Espírito que lia livros registrou pela mão de Charlotte.

Provas de sobrevivência

A médium Sra. Piper havia retornado a Boston naquele ano, 1886, e duas vezes por semana um grupo de 15 a 20 pessoas se reunia em sua casa em busca de informações de familiares falecidos – a única resposta que interessava aos frequentadores era a confirmação de que o parente estava vivo e trazia para certeza de todos uma prova da sua identidade.

A Sra. Piper era amiga de William James, o famoso médico e filósofo, fundador da psicologia americana. Frequentemente era ele quem escolhia os convidados para irem à reunião na casa da Sra. Piper.

Dois Espíritos se tornaram familiares repetindo suas presença em mais de 500 reuniões realizadas com a médium. Na maior parte das vezes ela entrava em transe e se manifestava pela escrita automática, ou mais comumente respondia verbalmente aos convidados.

Não eram raras as ocasiões de falhas quando suas informações não eram aceitas como verdadeiras e outras vezes não ocorria nenhuma comunicação, causando um certo desalento no público presente.

O que surpreendia, entretanto, é que em diversas ocasiões ela revelou para muitos dos presentes fatos de total intimidade e particularidades que só determinada pessoa para quem a mensagem era dirigida podia conhecer:

- Detalhes da morte da mãe.
- Manuscritos inacabados.
- Cartas que não foram despachadas.
- Esclarecimentos que afligiam determinado Espírito e que ele precisava informar a família.
- Divisões de heranças que incomodavam o morto.

As comunicações eram dadas diretamente pelo Espírito evocado na reunião ou pelos espíritos familiares da médium, Phinuit e Georges. Este último era mais expansivo e pronto para ajudar nas respostas.

Certa ocasião um dos frequentadores, o Sr. Hart, quis desafiar a médium dizendo que Georges fora seu primo e indagando se ele poderia lhe dar uma prova definitiva da sua sobrevivência. Era Georges mesmo ou uma farsa da médium?

Veio então da médium a resposta:

– Georges conta que fora advogado na última existência e morreria aos 32 anos. No dia do funeral a madrasta de Hart tirou as abotoaduras do cadáver ali exposto e deu a seu irmão – esse mais tarde as deu de presente a Hart, que estava com elas nos punhos naquele exato momento da reunião.

Fim